

QUAL IGREJA QUEREMOS ?

Introdução

Por muitos séculos ficou proibido querer ou pensar uma igreja diferente, pois a que temos è perfeita, santa e imaculada. Ao máximo se afirmava que a igreja é *semper reformanda*, mas bastava sonhar uma qualquer reforma para incorrer na excomunhão. Nos estudos podíamos encontrar opiniões diferentes a respeito da igreja, mas entre elas só uma devia ser assumida como certa enquanto todas as outras deviam ser rejeitadas em bloco.

Este clima de intolerância mudou durante o Concílio Ecumênico Vaticano II. Os próprios documentos que o Concilio emanou permitem diversas e contrastantes visões de igreja. Baste lembrar que o conceito de igreja (*povo de Deus*), que tinha bastado para justificar a condenação de Lutero e das suas propostas, foi repescado e feito próprio pelos padres conciliares desde a *Lúmen gentium*. Hoje em dia, a situação tende a retomar a antiga intolerância, mas é muito difícil para os conservadores voltar a fechar todas as portas e todas as janelas. Estamos de novo em situação de incerteza e de crise, mas o que o Concilio disse não pode ser renegado abertamente. È próprio dos conservadores exaltar e petrificar as decisões do magistério de maneira que o inesperado impasse deles passa a funcionar como a fresta que possibilita imaginar o futuro e a sua realização desde agora. Pessoalmente lamento que a congregação xaveriana passe longe destas problemáticas e se contente em destrinchar intrigas internas mais aparentes do que reais. Seria bom lembrar que como missionários somos estruturalmente voltados para o diferente, o novo e o futuro, mesmo quando ele aparece como impraticável ou improponível. No mundo de Jesus e na situação do seu tempo nada era menos aceitável do que a proposta do Reino de Deus.

Queremos a igreja mosaica ou a evangélica?

• mosaica: a que reflete a lei de Moisés, a sinagoga	• evangélica: a que reflete as propostas de Jesus, o projeto do Pai
• è fundada na lei e na sua observância	• é fundada no amor e na liberdade
• exige, em primeiro lugar, o amor a Deus	• o amor ao próximo é prova do amor a Deus
• “olho por olho, dente por dente”	• manda perdoar setenta vezes sete
• “honra teu pai e tua mãe”	• “deixa teu pai e tua mãe”
• manda santificar as festas	• manda socorrer os massacrados
• recomenda de não roubar	• ensina a oferecer tudo o que se é e se tem
• tende a ver a riqueza como dom de Deus (não conseguimos até agora condenar o capitalismo)	• tende a ver a riqueza como reino de Satanás (cfr. o evangelho das tentações)
• manda adorar Deus no templo	• manda procurar Deus na prisão ou no hospital
• autoriza muitas formas de poder	• autoriza somente o servir
• acima de tudo coloca a lei	• acima de tudo coloca a pessoa
• a liturgia é louvor e ação de graças	• a liturgia é unir-se a Cristo até à cruz

Queremos a igreja monoteística ou a trinitária?

<ul style="list-style-type: none">• monoteística: a que reflete o Deus todo poderoso do antigo testamento	<ul style="list-style-type: none">• trinitária: a que reflete o Deus que é trindade e família
<ul style="list-style-type: none">• a que tem uma estrutura descendente e piramidal (platônica e monárquica)	<ul style="list-style-type: none">• a que tem estrutura horizontal e exige paridade e comunhão de bens
<ul style="list-style-type: none">• a que divide os filhos de Deus em duas rígidas categorias incompatíveis: clérigos e leigos	<ul style="list-style-type: none">• a que faz dos batizados uma única realidade, o corpo de Cristo
<ul style="list-style-type: none">• a que divide os filhos de Deus numa elite que ensina e numa massa que apreende	<ul style="list-style-type: none">• a em que todo mundo è mandado seja a ensinar seja a apreender
<ul style="list-style-type: none">• a que imobiliza a massa dos batizados e os torna dependentes e incapazes	<ul style="list-style-type: none">• a que espera e acolhe a contribuição ativa de cada batizado e de cada pessoa honesta
<ul style="list-style-type: none">• a que tem uma origem aparentemente cristológica	<ul style="list-style-type: none">• a que tem uma origem claramente pneumatológica
<ul style="list-style-type: none">• a que tem o Espírito Santo como consolo íntimo e conforto anestésico	<ul style="list-style-type: none">• a que tem o Espírito Santo como guia, fogo e princípio transformador

Queremos a igreja simbólica ou a real?

<ul style="list-style-type: none">• simbólica: a que se contenta com gestos que aludem mas não conseguem chegar à realidade e incidir nela	<ul style="list-style-type: none">• real: a que se serve dos símbolos para atingir a realidade e condicioná-la e se serve da realidade para criar símbolos mais eficazes
<ul style="list-style-type: none">• nesta igreja os leigos participam simbolicamente tanto na liturgia quanto na atividade pastoral ou missionária	<ul style="list-style-type: none">• nesta igreja dos sonhos os leigos deveriam desenvolver funções constitutivas e operativas com a totalidade do seu ser e agir
<ul style="list-style-type: none">• a comunhão eucarística não simboliza e não sugere de alguma maneira a comunhão dos bens	<ul style="list-style-type: none">• a comunhão eucarística deveria propor e levar as comunidades à comunhão dos bens
<ul style="list-style-type: none">• o batismo e a doutrina que lhe diz respeito não está colocando os batizados no sistema de vida trinitário	<ul style="list-style-type: none">• numa catequese voltada para a vivência, os cristãos deveriam ser levados à prática da justiça e da fraternidade
<ul style="list-style-type: none">• nesta igreja se ignora que o pão se torna Cristo na medida em que o dividimos e o multiplicamos com os irmãos	<ul style="list-style-type: none">• nesta igreja do futuro deveríamos fazer o que pregamos e pregar o que fazemos (a comunhão dos bens)
<ul style="list-style-type: none">• se nela os leigos tem uma presença abstrata não dependerá do fato que é ela a ser essencialmente abstrata?	<ul style="list-style-type: none">• nesta igreja do futuro a presença ativa de todos os batizados deveria mudar a face do mundo

Queremos a igreja dos poderosos ou dos pobres?

(pág .5)

<ul style="list-style-type: none"> • a dos poderosos: é uma igreja que, pela própria estrutura elitista, ignora não somente os pobres mas também o 99,9% de seus filhos, deixando-os no anonimato e na dependência 	<ul style="list-style-type: none"> • a dos pobres: não se pode dizer o que seja pois não existe e talvez nunca existiu; o CJC fala dos pobres somente em dois dos seus 1752 cânones, apresentando-os como objetos de cura da parte dos vigários
<ul style="list-style-type: none"> • lista dos santos do céu segundo a visão elitista da igreja: apóstolos, papas, bispos, doutores, fundadores, mártires, padres, religiosos, virgens e leigos 	<ul style="list-style-type: none"> • lista dos santos do céu segundo as bem-aventuranças: pobres, aflitos, mansos, famintos, misericordiosos, puros, promotores de paz, perseguidos, injuriados e maltratados
<ul style="list-style-type: none"> • pela sua própria estrutura elitista, a igreja fica obrigada a privilegiar ou a imitar e copiar estruturas paralelas que se podem encontrar nos impérios históricos, nos estados modernos ou na sociedade tradicional 	<ul style="list-style-type: none"> • a divisão da igreja em tres categorias distintas e separadas (bispos, padres e leigos) como fossem “<i>compartimenti stagno</i>” è em contraste direto com a teologia do batismo, do sacerdócio universal e do serviço aos irmãos
<ul style="list-style-type: none"> • as tendências/obrigações das elites são bem descritas num provérbio italiano que diz: “<i>cane non mangia cane</i>” ou “<i>chefe não come chefe, rico não come rico</i>” 	<ul style="list-style-type: none"> • a divisão entre bispos, padres e leigos se firma em relação à Eucaristia, quer dizer em relação ao sacrifício com o qual Cristo queria fazer da humanidade um corpo só, o seu próprio corpo
<ul style="list-style-type: none"> • as precedências entre classes e indivíduos, respeitadas e adoradas na igreja, pretendem fundar-se na teologia de Dionísio Areopagita ou pseudo-Dionísio, que descreve a igreja terrestre como projeção da igreja celeste 	<ul style="list-style-type: none"> • para que a igreja seja dos pobres precisaria que os pobres não fossem objetos mas sujeitos que tem o peso e o valor de todos os outros, pois entre iguais não pode haver precedências

Queremos a igreja esférica ou a igreja prismática?

Com a igreja **esférica** procuramos representar ou indicar a igreja missionária em que fomos formados quarenta ou cinquenta anos atrás. Visto que a esfera tem propriedades de uniformidade e unicidade em todos os seus pontos, curvas e espaços, assim a missionariedade dos tempos da nossa juventude era pensada em termos de unidade e igualdade em todos os cantos da terra. Queríamos uma igreja única e universal em todos os países e em todas as culturas, a custo de ignorar ou sacrificar as diferenças preciosas e irrenunciáveis que existem entre eles. Uma universalidade mal entendida nos obrigava a ver o mundo inteiro exclusivamente do ponto de vista católico e em função dele.

Com a igreja **prismática** procuramos representar a missionariedade dos nossos dias em maneira que respeite as diferenças e as aprecie como valores a serem aceitos dentro o quadro de uma eventual purificação. Uma igreja prismática deve possuir facetas sem numero fazendo com que cada uma delas consiga captar e refletir um sem número de valores que a igreja assumiu ao longo da história ou poderia assumir. A este propósito lembremos que na missiologia atual não se fala mais de budistas ou induistas que, convertendo-se ao cristianismo, abandonam suas religiões com todos os seus valores. Ao contrário se fala de cristãos budistas ou de cristãos induistas, querendo com isso significar que a conversão não foi renúncia às suas próprias origens, mas valorização de todo o positivo que suas origens acarretavam.

Queremos a igreja senhora ou a igreja servidora?

Quando tivermos entendido e escolhido uma igreja prismática em lugar de uma igreja esférica, acharemos lógico passar para a igreja **servidora** em vez que para a igreja **senhora**. Pois a igreja prismática não existe para cancelar os outros mas para valoriza-los, não existe para si mesma mas para a boa sorte de todos. A teologia que se formou após o concílio não hesitou em falar de um *ser da igreja* que consiste em *estar a disposição*, em *viver ou existir pelos outros*. Mas se entenda bem: não se trataria de uma igreja que uma vez constituída começa a se interessar dos outros, mas que se constitui e cresce na medida em que procura e se preocupa pelos outros. Nesta igreja naturalmente **servidora** o interesse pelos outros não é uma qualidade, mas é o seu próprio ser ou a sua fundamental razão de ser. Ela se realiza na medida em que se volta e vive em função dos outros. Ela se realiza e se estabelece na medida em que serve aos outros sem pensar em si mesma. Peguemos os exemplos dos pais autenticamente cristãos: eles são válidos e preciosos na medida em que esquecem a si mesmos, consomem se mesmos para alimentar e fazer crescer os filhos. A ambição deles é fazer com que os filhos, tornando-se independentes e criativos, não precisem mais dos pais. A ambição deles está mais em desaparecer para dar lugar aos filhos que em se afirmar. Ou melhor, eles se afirmam desaparecendo, se exaltam cedendo a vez aos filhos.

Prosseguindo nesta linha poderíamos dizer que chegou a hora em que a antiga igreja **senhora** deveria ceder o lugar a sua filha à igreja **servidora** e esta mesma, a cada geração, deveria desaparecer para permitir a existência de uma igreja sempre nova e sempre jovem, sempre provisória e sempre disposta a empossar a sua natural sucessora..

Queremos a igreja ou queremos o reino?

Tudo fica mais claro se a gente conseguir fazer distinção entre **igreja** e **reino**. Até sessenta anos atrás era costume assimilar a igreja ao reino. Se não ao reino definitivo, pelo menos ao reino provisório. Naquela secular teologia havia muita concordância entre igreja e reino, se não identidade pura e simples. Com o concílio ecumênico o quadro mudou substancialmente. Para o concílio, a igreja não é o reino mas uma instituição a serviço do reino. A igreja não é a meta mas o caminho para chegar à meta. Esta distinção tem conseqüências enormes para o ser e a vida da igreja, para a prática da missão e para todos nós missionários. Aquela distinção antes de tudo relativiza a igreja, suas leis, seus instrumentos e seus métodos. A relativiza não no sentido de que a torna menos importante ou menos necessária para a salvação do mundo, mas no sentido de que não deveria ter uma existência interminável, eterna e, então, intocável como sempre se tinha opinado. Ao contrario, em vez que uma essência eterna e intocável, ela deveria ter um ser volúvel e elástico a segunda das situações que deve enfrentar. Em seguida, com a vinda do reino definitivo a igreja desaparecerá, assim como desaparecerão a fé e a esperança para darem um lugar definitivo e único à caridade. Em segundo lugar, com aquela distinção chegamos a admitir que a igreja não é o único caminho para chegar ao reino. Caminho necessário sim mas não o único. O Espírito Santo, que é o Espírito de Jesus emitido na cruz, utiliza também outros meios para realizar o reino: as outras religiões, as culturas, a ciência e a tecnologia, as políticas e todas as atividades humanas que possuam um sentido positivo e recomendável. Estamos frente a uma doutrina que deverá ser discutida por muito tempo, talvez por séculos, mas ela já permite de enxergar alguma conclusão inadiável: o nosso horizonte principal não

deve ser a **igreja** mas o **reino**. Colocando o **reino** em primeiro e ultimo lugar salvamos também a **igreja** com todos os seus valores e possibilidades.

